



Brincadeiras, ambientes e as estações das frutas na Baixada Maranhense - Brasil

Games, environments and fruit seasons in Baixada Maranhense – Brazil

Juegos, ambientes y temporadas de frutas en Baixada Maranhense – Brasil

José Raimundo Campelo Franco¹

Professor da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância- GRUPEGI (CNPq/UFF-UFJF)

Recebido em: 01/03/2022

Aceito em: 21/03/2022

Resumo

Refere-se a estudos sobre crianças em ambientes de descontração chamados comumente nas geografias regionalizadas de *beira-do-campo*, que se transmutam em regimes de sazonalidades. Empenhou-se em mostrar como as mesmas constroem suas paisagens e territorialidades no habitar dos campos naturais, em paralela atividade que verificava o potencial das frutas da época para o fomento de pleitos a novas frentes de uso. Empregou-se técnicas de observação participante, com diálogos, escutas e registros de imagens. Finalmente elucidou-se quatro estações bem definidas em seus decoros paisagísticos, assim como indicadores otimizados de receitas e aproveitamentos das frutas. O trabalho reafirma os autores sociais como construtores de uma rica cultura que continuamente produz espacialidades e regionalidades.

Palavras-chave: Geografia das Infâncias. Vivências. Baixada Maranhense.

Abstract

It refers to studies on children in relaxed environments commonly called border-do-campo regionalized geographies, which are transmuted into seasonality regimes. He endeavored to show how they build their landscapes and territorialities in inhabiting natural fields, in a parallel activity that verified the potential of seasonal fruits to promote claims for new fronts of use. Participant observation techniques were used, with dialogues, listening and recording of images. Finally, four well-defined seasons were elucidated in their landscape decor, as well as optimized indicators of recipes and fruit utilization. The work reaffirms the social authors as builders of a rich culture that continuously produces spatialities and regionalities.

Keywords: Geography of Childhood. Experiences. Baixada Maranhão.

Resumen

Se refiere a estudios sobre niños en ambientes relajados comúnmente llamados geografías regionalizadas border-do-campo, que se transmutan en regímenes de estacionalidad. Se esforzó en mostrar cómo construyen sus paisajes y territorialidades al habitar campos naturales, en una actividad paralela que verificó el potencial de

¹ dedafranco2015@gmail.com

las frutas de estación para promover reclamos por nuevos frentes de uso. Se utilizaron técnicas de observación participante, con diálogos, escucha y grabación de imágenes. Finalmente, se dilucidaron cuatro estaciones bien definidas en su decoración paisajística, así como indicadores optimizados de recetas y aprovechamiento de frutos. La obra reafirma a los autores sociales como constructores de una rica cultura que continuamente produce espacialidades y regionalidades.

Palabras clave: Geografía de la Infancia. Experiencias. Baixada Maranhao.

Introdução

- *Nóis vamo caspar* na manga tombada... É pouco bom [tom de ironia]. [Risadas ocultas à cena].
 - Vocês aí sendo [inaudível] ...e aqui *nóis*, de boa... comendo a manga *tombadinha* com farinha e é *rúim*...[Tom de ironia e gesto garboso].
 - Quando a manga acabar... aí não vai ter, aí *nóis*... [Pausa para lamber a casca da manga, enquanto as risadas externas se intensificam].
 - Fica querendo manga aí... Ói... *Apuveitar* enquanto tem, *minino!* [Voz externa pede para 'botar a farinha'].
 - A manga *tombadinha*, com a farinha [Rola a manga toda descascada por várias vezes em um recipiente de farinha d'água, enquanto as risadas continuam].
 - A farinha aqui, *ó!* *Ó* farinha aqui *ó!* De boa, *ó!* [Começa a comer] E é *rúim*... Manga tombada *ó!* *Humrrum!* [Rola novamente várias vezes a manga na farinha e come, demonstrando o hábito de comer manga]. *Humrrum!* [Risadas contínuas].
 - *Ó!* *Ô* manga boa, rapaz.
- [Narrativa de um menino com idade aparente de nove anos, que se deixa filmar comendo uma manga conforme seu cotidiano].

Fonte: Meu Maranhão Raiz (2022).

Os trechos acima foram transcritos de um mini vídeo que viraliza nas redes sociais maranhenses desde o ano 2020, causando vibrações entre internautas, repercutidas em reações de júbilos, saudosismos e risos. São vários os pontos da fala do garoto que chamam a atenção, nos quais destacam-se aqui: a temporada da manga, a abundância, a cultura de comer o fruto, e, talvez, a mais abrangente para esta pesquisa: a importância do recurso natural para os maranhenses, especialmente aqueles oriundos de famílias de baixa renda.

Nessa realidade, poderíamos assemelhar às mangueiras a um conceito de "árvore-mãe", entendido nas ciências naturais como aquela mais antiga ou copulenta que deve ser poupada em uma situação de desmate para a missão de distribuir sementes ao novo ambiente. Contudo, a fala espontânea e orgulhosa do menino não deixam faltar dúvidas do quanto estas árvores cumprem suas funções de fornecer tantos alimentos com os alongados ciclos de temporadas e também pela longevidade de atravessar tantas gerações da vida humana, daí a semelhança com a figura materna.

Estes estudos versam sobre as crianças em ambientes de descontração chamados comumente

nas geografias regionalizadas de *beira-do-campo*, que se transmutam em regimes de sazonalidades. A preocupação focou duas abordagens: mostrar como as mesmas constroem suas paisagens e territorialidades no habitar dos campos naturais, e nos acontecimentos paralelos de atividades que verificavam o potencial das frutas da época para pleitos de novas frentes de uso.

Tal projeção se desenvolveu com impulsos iniciais de uma sessão de trabalhos de campo de pesquisa de tese doutoral, intitulado “Os *piquenos* da Baixada Maranhense: subsídios para Geografias Outras do Lugar” (FRANCO, 2019), da Universidade Federal Fluminense, orientada pelo professor Jader Janer Moreira Lopes e financiada pelo programa de bolsas da FAPEMA. São inúmeras as chaves de pesquisas abertas no âmago das discussões, regalos estes, em que as demandas prospectivas tomaram novos impulsos, se atualizaram e inclinaram reformulado projeto de investigação intitulado: “Territórios sociais do piqueno do Maranhão: histórias, cultura popular e estudo de caso” da Universidade Federal do Maranhão.

O tempo das pesquisas de campo correspondeu em duas etapas, primeiramente em um período de concentração iniciado nas estiagens de outubro de 2018 e findado em setembro de 2019 na mesma estação. Na retomada dos estudos, realizou-se outras visitas esporádicas nos anos 2020 e 2021, com as dificuldades advindas dos cuidados com as medidas de segurança contra a pandemia Covid-19. O espaço estudado refere-se a uma comunidade ribeirinha do bairro São Benedito, município de Viana, banhado por lagos espriados em sistema de rosários e o rio Maracu na Baixada Maranhense, contando ainda com a submissão do projeto de pesquisa de campo ao Conselho de Ética, liberação emitida através de parecer consubstanciado.

A discussão abordou situações contextualizadas nos atuais pressupostos da Geografia das Infâncias, campo amplo de estudo das crianças e suas autorias, que avança em desenvolve jornada de produção científica, contando-se ainda com elementos colaborativos da Teoria Histórico-Cultural de Lev Vigotski voltados para a vivência dos meninos e meninas nos campos e da Teoria do Romance de Mikhail Bakhtin, na qual aborda-se as formas de tempo e do cronotopo das espacialidades e atualidades de suas estadias para brincar, já que:

O cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade. Por isso, numa obra, o cronotopo sempre inclui elemento axiológico, que só numa análise abstrata pode ser destacado do conjunto do cronotopo artístico. Na arte e na literatura, todas as determinações do espaço-tempo são inseparáveis e sempre tingidas de uma matriz axiológica-emocional (BAKHTIN, 2018, p. 217).

Nestes estudos adotam-se alguns termos dialógicos utilizados da própria cartografia das falas

correntes, como: *piquenos* (crianças, meninos ou meninas juntos ou em aglomeração); *beira-do-campo* (espacialidade móvel, ao ritmo de subida e descida das águas, por vezes, difícil de ser demarcada na vivência comunitária. Semanticamente transformou-se a locução substantiva em uma palavra composta para designa-la como um recorrente objeto de uso voltado para a descontração de crianças e adultos) e, por último, os lanches preparados para as crianças, que ganharam denominações populares de *sheik* e *mistão*, encontros que serão exponenciados na segunda seção do trabalho.

Geografando estações da *beira-do-campo*

A aproximação com os primeiros pares para pedir-lhes as devidas permissões de participar dos momentos de brincadeiras, durou aproximadamente duas semanas. Destas estadias de observador e participante conquistadas, foi a vez de conversar com os responsáveis e cuidadores, para finalmente colocar em prática as sessões de observações para a compreensão da Geografia da Infância que trafega sob dois movimentos de pensamentos: usar conceitos comuns na geografia para as leituras das infâncias e das sociedades e pensar quais são as geografias produzidas a partir da lógica das crianças (LOPES, 2019).

O longo período de visitas no cotidiano regional de infâncias e ambientes culminaram por inspirar uma classificação microestacional própria em vista do patamar hidrogeomorfológico que vai além das tradicionais estações bem definidas que se conhece (estação seca e chuvosa), assim como dos antropismos sobrepostos das estadias nas *beiras-de-campo*, e mais precisamente das aparas captadas dos sentimentos topológicos irradiados das brincadeiras de finais de tardes. Para Tuan (1980, p. 107), a topofilia pode ser entendida:

[...] em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Eles diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus reminiscências e o meio de ganhar a vida.

Das vistas das crianças, tornou-se coerente ressaltar o hibridismo paisagístico e a mobilização do ecológico-humano que se manifesta periodicamente em quatro feições de paisagens na compostura de

uma interface hidrogeográfica proeminente em que os tributos das enchentes abraçam a plataforma da imensa planície sedimentar em sua capacidade de acumular as águas, onde cada desnivelamento entre terras-firmes e campos inundáveis apresenta relativa representatividade de solos e águas, conforme a disposição resumida na Tabela 1.

Tabela 1 - Paisagens das infâncias dos *piquenos* das *beiras-do-campo* do rio Maracu em suas estações

Estações	Fisionomia das Paisagens	Superfície dos Campos	Periodicidade entre os meses												
			J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
Secas	Campestre											X	X	X	X
Inundações	Pantaneira		X	X											
Cheias	Lacustre				X	X	X	X							
Vazões	De várzea								X	X					
			LEGENDAS			Solos			Aguas			Várzeas			

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A ordem das estações apresentadas, configuram início e término das estadias em pesquisa de campo. Os usos desses territórios decorrentes das interações do meio físico com as crianças durante as estações e paisagens, inspiram olhares latentes para o vislumbre de Geografias das Infâncias, dando concomitância a uma reflexão da concepção imbricada de um “espaço total” (idealizada por Aziz Ab’ Saber) dos *piquenos* e suas construções e autorias para com o ambiente.

[...] espaço total é o arranjo e o perfil adquiridos por uma determinada área em função da organização humana que lhe foi imposta ao longo dos tempos, [...] inclui todo o mosaico dos componentes introduzidos pelo homem, ao longo da história, na paisagem de uma área considerada parte de um determinado território (FLORENZANO, 2008, p. 33).

As repercussões das paisagens decorridas principalmente das translações terrestres em suas sistemáticas cósmicas deflagram os estágios fisionômicos citados. O percurso terrestre na sua trajetória astronômica, ativam ciclos atmosféricos que distribuem periodicamente as chuvas e os ciclos hidrográficos capitaneados pelos rios, enquanto as superfícies dos campos são modeladas e diversificadas para o oferecimento dos mais variados palcos lúdicos.

Na esfera da vivência, se apresentam cronotopos que nos traduzem elementos simbióticos à compreensão da categoria geográfica de lugar, já que o espaço vivido: “em toda a sua espessura e

complexidade aparece assim como o revelador das realidades regionais; estas têm certamente componente administrativos, históricos, ecológicos, económicos, mas também e mais profundamente, os psicológicos” (FREMONT, p. 17).

A configuração das *geografias piquenas* destes agentes modeladores da superfície da Terra, foram registradas em vários aspectos de suas estadias. Os fatos naturais pesquisados e sintetizados foram percebidos com delicado acompanhamento do comportamento das crianças e dos coadjuvantes adultos mediante suas frequências ou ausências nos ambientes e seus entornos, conforme as imagens ilustrativas em mosaico (Figuras 1, 2 3 e 4) em suas riquezas de detalhes.

Figura 1 - Cenas de estadias e brincadeiras na estação da seca



Fonte: Registros da Pesquisa.

Figura 2 - Cenas de estadias e brincadeiras na estação das inundações



Fonte: Registros da Pesquisa.

Figura 3 - Cenas de estadias e brincadeiras na estação das cheias



Fonte: Registros da Pesquisa.

Figura 4 - Cenas de estadias e brincadeiras na estação das vasões



Fonte: Registros da Pesquisa.

Percebe-se o quanto o uso das geografias dos campos naturais é importante para a produção destas infâncias no espelhamento de seus cronotopos. No andamento deste relato de experiências, o prosseguimento será evidenciado pela experiência da utilização das frutas regionais e locais para os lanches oferecidos aos artesãos das paisagens campestres.

Estações das frutas: reinventando vivências

Pensando-se nas melhorias das condições sociais dos estudados, nas contribuições para melhor qualidade das alimentações escolares e também nas revelações de novas vocações produtivas visadas nas potencialidades do lugar, mobilizou-se o uso dos produtos locais como bases da alimentação oferecida às crianças, que por outro lado, poderá compor diálogos para o planejamento público no sentido de descortinar novas frentes de trabalho e viabilizar dimensões tangíveis ao desenvolvimento humano.

Os lanches foram pensados, a priori, como simples incentivo à participação do grupo pesquisado, numa perspectiva pleiteada apenas com o oferecimento de bebida láctea achocolatada industrializada, biscoitos, rosquinhas doces e água, onde os contemplados ainda formavam um grupo bem reduzido.

Com o avanço dos trabalhos as melhorias na qualidade dos lanches foram acontecendo, pensando-se nos aspectos qualitativos de incluir produtos naturais e com valores nutritivos para as necessidades das crianças, principalmente no cerceamento de benefícios para alguns dos alimentados com riscos de insegurança alimentar.

Cabe aqui a rápida ressalva sobre a consideração do meio, onde Vigotski, (2018b, p. 74) em sua quarta aula, adverte para os cuidados dos estudos das crianças sobre o assunto, desconcordando com uma supervalorização de compreensões aprofundadas deste, já que a sua influência relativa, deve ter maior pertinência e significação nas compreensões das alteridades em estudo:

[...] para uma compreensão correta do papel do meio no desenvolvimento da criança [o meio, aqui entendido como meio ambiental, psíquico, cultural e mental], é necessário investigá-lo não com parâmetros absolutos, mas relativos, se for possível assim expressar. O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento [grifo meu].

Os lanches, portanto, passaram a ser um fator indispensável no conjunto das atividades de pesquisa com as crianças, e, por outro lado, a comenda da valorização local e regional tornou-se um fator crucial, tendo-se o aproveitamento das frutas da terra e das temporadas que se fazem abundantes no lugar.

Desta forma, as utilizações ganharam rumos que se transformaram em indicadores importantes para incentivos futuros de políticas relacionadas ao combate à desnutrição, relevando-se três aspectos primordiais: valor nutritivo, baixo custo e sabor agradável aos paladares infantis. Contudo, o elenco das frutas experimentadas foi separado na seguinte ordem:

- a) **frutos da terra:** os destaque foram para a manga-fiapo (ou manga comum), banana-cacau, goiaba, carambola, jerimum, cupuaçu e bacuri. Algumas destas, sendo provenientes de doações, outras de simples coletas em bosques e sítios, nas compras dos balcões de feirinhas da agricultura familiar organizada por trabalhadores e trabalhadoras rurais e mesmo na agroindústria doméstica de polpas frescas.
- b) **frutos regionais:** as boas safras dos mercados mais próximos trouxeram boas perspectiva, já que substituíam frutos em períodos de entressafras locais, balanceavam os sabores e traziam novidades para os cardápios. Alguns desses produtos que se destacaram foram o melão comum, abacaxi, banana prata, abacate, mamão-formosa, goiaba, maracujá, jacama e maçã nacional.

As bebidas lácteas foram adicionadas de farinhas de cereais, incluindo composições que incluem trigo, aveia, cevada e centeio. Destacou-se também a artesanal farinha do mesocarpo de coco babaçu, fruto autóctone com alargado potencial produtivo que também introduziu novos paladares e nutrientes aos benefícios das crianças. Para o acompanhamento do *sheik* e do *mistão* foram oferecidos biscoitos variados, como o creme-craque, de maisena ou rosquinhas de coco e chocolate.

Estudos como de TEO *et al* (2009) diretamente com escolas indicaram baixa aceitação nos alimentos de merendas escolares, já que muitas vezes são planejados sem a participação de estudantes, assim como é percebido dentro das práticas escolares, a necessidade de inclusão da educação nutricional para criar condições mais favoráveis da política pública cumprir seu papel.

Na construção de alguns indicadores da pesquisa buscava-se a percepção dos seus sentimentos ao se alimentarem, as vezes demonstrados do prazer em comer, do simples tino de, primeiramente, degustar, e ainda, da recorrente apelação de repetir. No final dos deleites, os diálogos individuais ou coletivos eram pontuais para se entender o motivo de uma unânime apreciação ou de um dissabor ocasionado por um ingrediente mal combinado com outro.

Contudo, o trabalhoso entendimento dos falatórios tumultuados em enfatizar suas preferências na hora de avaliar o lanche, acabou rendendo idealizações de receitas que ficaram tarimbadas nos cardápios, assim como a consagração das bebidas lácteas caseiras que passaram a compor dialetos entre os participantes do grupo, se popularizando como o *mistão* e *shaik*, que assim se definiram:

- a) **Shaik:** Bebida leitosa à base de uma ou poucas frutas, adicionadas de leite, e, às vezes, acrescentado de uma farinha. Nesse construto, a manga frequentemente manteve-se presente durante os intervalos de sua temporada.
- b) **Mistão:** Bebida pastosa à base de várias frutas, farinhas e leite, comumente chamada pelos pequenos de “vitamina”. Nessa iguaria as preferências são mais abrangentes, onde a fruta é capitaneada pela banana-cacau que se caracteriza por ser consistente em sua polpa pastosa e se combina com outras frutas também pastosas como o mamão, o abacate e até mesmo a popular manga.

Neste aspecto, cumpre sublinhar o valor que o grupo atribuiu aos sabores diários que foram servidos, sempre antecipadas com dosadas cargas de ansiedades em se saber do cardápio e do momento do oferecimento. As chegadas em campo geralmente eram iniciadas com agitações de um corre-corre eufórico para direção em que chegamos, sempre acompanhados de preanunciados (talvez

A manga contou com alta aprovação das crianças usuárias dos campos inundáveis, rendeu receitas combinadas de *shaik* com outras frutas, tal que, a rica menção das crianças, chegou a impulsionar outras experiências mais curiosas que buscaram averiguar indicadores de aproveitamento e produtividade na obtenção de polpa, onde, obteve-se indicações importantes, como no rendimento das coletas, em que oito quilos brutos podem render entre quatro a cinco quilos de pura polpa. Por outro lado, se a manga for colhida, as apurações aumentam consideravelmente, já que nas habituais coletas, a parte do fruto que entra em atrito com o solo na queda, geralmente não é aproveitada.

O uso da banana-cacau, aconteceu de forma mais frequente que a manga, já que é cultivada o ano inteiro, enquanto sua participação nos lanches, engrenava as receitas do *mistão*, o lanche mais apreciado pelas crianças, já que o poder de consistência da sua massa garante o estado pastoso com a combinação de qualquer farinha de cereais.

A fruta é bem popular nos pomares locais, cronotopos atuais em que também ainda é chamada de banana-de-índio nas comunidades mais tradicionais. Noutros lugares do Brasil a fora, também é denominada de banana-figo, banana-marmelo, banana-sapa, banana-jasmim, banana-couruda ou tanja. Além de alto valor nutricional e medicinal é muito procurada como alimentação funcional e terapêutica para regulação do sistema gastrointestinal.

Vejamos então, as estações destas frutas que marcaram os encontros na pesquisa e que poderão direcionar novos rumos de espaços-tempos para a região:

Tabela 2 - Estações das frutas da terra utilizadas com as crianças no oferecimento dos lanches

Frutas de época	Periodicidade entre os meses											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Manga	X	X							X	X	X	X
Banana-cacau	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Goiaba	X	X	X				X	X				X
Carambola	X	X					X	X				
Babaçu	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Jerimum	X					X	X	X	X	X	X	X
Cupuaçu	X	X									X	X
Bacuri	X	X	X									

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Contudo, cabe frisar que o elenco destes recursos utilizados não esgota a larga disponibilidade que os biomas e os ciclos agrícolas locais oferecem, nem mesmo aqueles que ocorrem com a fartura, como é o caso do caju, da acerola, do milho verde e da mandioca, que também são frequentes no lugar, mas não foram oportunos na utilização desta experiência.

Considerações finais

Além do benefício imediato dos lanches, os experimentos de paladares e aprovações tiveram importância por produzir indicadores para se repensar o processo de aquisição das merendas escolares, assim como, na incorporação das qualidades nutricionais com melhor aproveitamento das vocações locais. Tais álibis, poderão revelar novas faces para a renda familiar a partir de alguns produtos naturais que ainda são despercebidos na cadeia produtiva do lugar, assim como firmar novos ciclos econômicos alternativos para a diversificação das frentes de trabalhos com o emprego sustentável da natureza, onde alguns desperdícios decorrentes das abundâncias deverão achar seus usos.

O trabalho vislumbrou, desde os primeiros dias de conversas, múltiplos olhares de geografias outras vertiginosamente fluidas e vibrantes, realces de espacialidades escapadas de hibridismos e movimentos paisagísticos orquestrados pela perfeita combinação das tonalidades e dos sopros cósmicos, energias tais, que alimentavam os movimentos humanos advindos de uma necessidade uma de fazer pojar quão notáveis geografias das infâncias que por ali se permutam e se completam.

Por fim, exprime crianças empoderadas de suas próprias infâncias no pleno exercício de suas autorias através de brincadeiras tradicionais, reafirmando seus papéis de construtores e participantes fiéis da sociedade e sua rica ciranda cultural.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Teoria do romance II**: as formas de tempo e de cronotopo no romance. Tradução russa: Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

FLORENZANO, Teresa Gallotti, Introdução à Geomorfologia. *In*: FLORENZANO, T. G. (Org.). **Geomorfologia**: conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. p. 12-37.

FRANCO, José Raimundo Campelo. Os *piquenos* da Baixada Maranhense: subsídios para geografias outras do lugar. 2019. 306 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia da infância por Jader Janer** - Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI). Youtube, (35 min.) 1 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZvqzmG9boY>. Acesso em 4 abr. 2021.

MEU MARANHÃO RAIZ. Política – Entretenimento – Cultura – Informações. *Manga tombadinha com farinha é bom demais!*. Facebook: 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/meumaranhaoraiz/videos/1428669494253747>. Acesso em 9 fev. 2022.

TEO, Carla Rosane Paz Arruda *et. al.* Programa nacional de alimentação escolar: adesão, aceitação e condições de distribuição de alimentação na escola. **Revista Nutrire**: Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (SBAN). São Paulo, v. 34, n. 3, p. 165-185, dez. 2009. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1003.3567&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização [e tradução] 1. ed. Rio de Janeiro: EPapers. 2018.